

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**A greve, o boicote e a “prudência procriadora”: o corpo operário
como uma arma de luta.**

Evangelia Aravanis*

Resumo: O texto visa expor e analisar o fato do corpo do operário ter se constituído em uma arma contra o capital. Objetivamente analisa-se como através de vários métodos de ação do período da 1ª. República, como o boicote e a greve, este corpo veio a ser não só um objeto de dominação e exploração do capital, algo já muito explorado pela historiografia, mas também um instrumento de combate contra o patronato em geral.

Palavras-chaves: corpo – movimento operário – meios de luta

Abstract: The text aims at to display the fact of the body of the laborer to have if constituted in one it sets against the capital. Objective it is analyzed as through some methods of action of the period of the Old Republic, as the boycotting and the strike, this body came to be not alone an object of domination and exploration of the capital, something already very explored by the historiografia, but also an instrument of combat against the patronage in general.

Key words: body - labor movements- methods of action

O presente texto encontrasse dividido em duas partes. Na primeira, trato do fato do corpo do operário ter sido percebido como uma arma de luta contra a burguesia a partir de duas propostas de ação que envolviam o controle ou a liberação da reprodução operária: a “*prudência procriadora*” e o “*amor fecundo*”. Já na segunda busco demonstrar que o corpo do operário foi efetivamente utilizado como uma arma contra o patrão e isto a partir de certas formas de enfrentamento empregadas na época nas “pugnas” entre o capital e o trabalho.

O (des)controle da natalidade:

Os anarquistas de Porto Alegre apresentaram um método de ação em que o corpo do operário e o de sua mulher se constituíam em uma arma a ser utilizada contra o capital. Tal método, observo, não era algo novo entre os libertários, já que em São Paulo ele vinha sendo difundida pelos mesmos¹. Tratava-se da “*prudência procriadora*” – ou “*greve dos ventres*” – prática que consistia no convencimento do operariado sobre a necessidade de se usar de meios contraceptivos a fim de evitar o “*empecilho*” que uma prole operária numerosa poderia vir a significar, acreditava-se, na luta contra o capital.

* - Dra. em História pela UFRGS; Profª. do Curso de História da Universidade Luterana do Brasil / ULBRA-Canoas.

1 - Ver dados em A LUTA, Porto Alegre: 17/01/1907, p.3; 02/03/1907, p.2

Segundo estes libertários, um grande número de filhos poderia levar à inibição de greves, em função do medo de se deixar esta prole desamparada, no caso de uma eventual demissão do grevista pelo patrão, bem como provocar a impossibilidade de que esses pais oferecessem instrução aos filhos, exatamente por eles serem em grande número:

Os referidos corpos, na lógica deste método, se constituíam em uma arma de luta tendo em vista ser exatamente a partir do controle desta função inerente ao corpo - a reprodução -, que se vislumbrava a possibilidade de se obter aquelas realidades que eram entendidas como favorecedoras do sucesso dos embates do trabalho contra o capital: um menor número de filhos – entenda-se a redução dos compromissos que fixavam o operário ao trabalho – e a formação de uma classe operária melhor educada e instruída.

As formas adotadas para a difusão da “prudência procriadora” entre o operariado local não se limitaram à publicação de artigos no mencionado jornal anarquista. Paralelo a esta prática também se verifica que os militantes distribuíam e colocaram a venda um folheto de orientação neo-malthusiana que pregava a idéia de controle da natalidade a partir de meios anticonceptivos. Tratava-se do folheto *A Greve dos Ventres* de Luis Bulffi, publicado em 1906. Como se pôde inferir desta divulgação, a “prudência procriadora” tinha base em idéias neomalthusianas em voga na época, que defendiam o controle da reprodução como um fator de elevação da humanidade em uma perspectiva eugenista.

Mesmo que não fosse percebido por estes militantes, este método de luta, caso implementando, acabaria, de fato, contribuindo para a diminuição do peso de um fator que levava à uma maior subjugação e exploração da classe operária, o “*exército industrial de reserva*”. Em outros termos, a partir do controle da natalidade se diminuiria o número de trabalhadores que o capital busca sempre ter a sua disposição a fim de melhor produzir e “dobrar” a resistência do trabalhador.

Os corpos em questão acabariam também se constituindo, neste caso, em uma arma, pois seria a partir dos mesmos que se poderia vir a diminuir o número de braços que formavam este exército de reserva, já existente ou em formação no estado.

Considerando que a mulher também devia se auto-gerir no aspecto reprodutivo, como fica explícito a partir do caráter destes meios anti-conceptivos que se reportavam ao corpo feminino², este método de luta anarquista acabou também atribuindo a ela uma função até então lhe negada na cultura ocidental: o controle sobre o seu corpo³; o controle sobre os

2 - Alguns dos métodos contraceptivos neomalthusianos eram os “*pessários oclusivos*”, a “*cobertura inglesa*” (a “*camisinha*”), o uso de “*esponjas embebidas em desinfetante*” colocadas “*ao fundo da vagina*” e “*a injeção de água morna acidulada com vinagre*”. Ver CORBIN, Alan. “Bastidores”. In: *História da Vida Privada* V.4. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 548.

3 - VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*.

seus aspectos reprodutivos. Claro está que esta “liberdade” conferida à mulher de também gerir a reprodução tratava-se mais de uma espécie de estratégia dentro de um método, pois fundamentalmente o que se queria com tal controle era combater o capital.

Este método de luta veio a suscitar recriminações por parte de outro grupo de ativistas de Porto Alegre, no caso, os socialistas do jornal A DEMOCRACIA, principalmente no seu redator-chefe, Francisco Xavier da Costa. Na exposição que segue apresento em linhas gerais o debate que daí se origina, já que a partir do mesmo se presume a existência de um entendimento que levava a uma outra concepção de emprego do corpo do operário como uma arma, entendimento este que claramente estava presente entre os socialistas de São Paulo e que parece ter sido assumido pelo A DEMOCRACIA.

Entre os mencionados socialistas, tendo em vista os valores hegemônicos do período que associavam sexo à procriação, esta proposta anarquista de controle da reprodução foi logo associada à imoralidade, sendo apontada como algo que feria os princípios da união matrimonial, já que a sexualidade seria vivida no casamento dissociada dos fins pelos quais ela deveria existir: a procriação⁴.

A resposta dos libertários a tal entendimento dos socialistas era clara, principalmente sob a “pena” de Reinaldo Geyer⁵. Para ele esta prática não era imoral de forma alguma, pois que o que está em jogo numa união amorosa é a felicidade e não a reprodução (A LUTA, 02/03/1907). Reforçando o seu argumento, este militante transcrevia trechos de uma obra de Max Nordau que defendia, supunha, o mesmo entendimento, e que também corroborava para uma outra proposição anarquista indiretamente associada a esta questão, a do ‘amor livre’ - a união amorosa sem a ingerência do Estado e/ou da Igreja⁶. Por fim Geyer acusava os socialistas de desconhecem o movimento neo-malthusiano no qual os anarquistas vinham se baseando para elaborar sua proposta da “prudência procriadora”.

Os socialistas d’A DEMOCRACIA, contudo, continuaram a “bater na mesma tecla”, insensíveis aos argumentos anarquistas apresentados e o redator-chefe deste jornal ia ainda além denunciando uma suposta descontextualização de uma das transcrições feitas por Geyer das idéias de Nordau.

Segundo X. da Costa, Geyer teria se equivocado ao transcrever n’A LUTA trechos

Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 31-32.

4 - “Pelo Dever” e “Os Dynamitistas” publicados em A LUTA, Porto Alegre, 28/02/1907, p.1.

5 - **Reinaldo Frederico Geyer (1885?-1964)**. Estudou medicina no Rio de Janeiro. Veio posteriormente a ser responsável pelo Setor de Sorologia do Instituto Oswaldo Cruz, da Faculdade de Medicina e de Farmácia de Porto Alegre, sendo, na ocasião, o maior especialista da cidade em análises sorológicas e o pioneiro na realização de diagnóstico da sífilis pelo moderno método Wassermann. "Alcaime" era seu pseudônimo. Faleceu em uma casa de saúde mental em 1964.

6 - Ver, por exemplo, A LUTA, Porto Alegre, 02/03/1907, p. 3.

de um livro daquele autor para justificar este seu “*achado*” *imoral*, já que Nordau, em outra parte do mesmo livro, condenava “*os bandalhos que se casam para não ter filhos*” (A DEMOCRACIA, 10/03/1907).

Como se pode perceber, havia aqui uma discordância com relação a apropriação feita por Geyer de um trecho desta obra de Nordau. Frisando ainda mais esta sua posição contra o auto-controle reprodutivo do operariado, este grupo socialista d’A DEMOCRACIA também transcreveu, aparentemente endossando, um artigo do jornal socialista AVANTI de São Paulo onde, além de rápidas “pinceladas” sobre a imoralidade que representava o impedimento da reprodução proposto pelos neo-malthusianos, constava a opinião de que a divulgação dessas idéias era algo inócua para o sucesso da luta operária. Isto se deveria, em primeiro lugar, por ser no “*número*” que residia a força operária e, em segundo lugar, por ser entendida como impossível a conquista almejada de equilíbrio numérico entre a burguesia e o operariado. Era proposto, por fim, neste artigo do AVANTI, que “*o amor fecundo*” tivesse “*livre expansão*” a fim de aumentar, e “*sempre, as falanges operárias*”(Idem, 24/03/1907).

Em síntese, como se observa deste debate, enquanto para os anarquistas d’A LUTA a reprodução poderia e deveria ser controlada, para os socialistas d’O AVANTI e talvez também para os d’A DEMOCRACIA ela deveria seguir o seu curso natural, uma vez que, se gerenciada, isto não só feriria a moralidade entendida como subjacente ao matrimônio, como impediria o crescimento do número de operários, ou seja, uma força desta classe. É exatamente nesta lógica d’o AVANTI e talvez também d’A DEMOCRACIA, que se vê um conseqüente emprego do corpo operário como uma arma contra o capital, porque o mesmo era percebido, neste caso, como um meio gerador da força operária; um instrumento pelo qual se obtêm um maior número de operários.

Esta lógica, provavelmente, não era algo accidental. Os socialistas desde o final do século XIX, haviam adotado a organização em partido político e a busca da conquista do poder de forma gradualista pela via eleitoral⁷, onde, então, pode-se conjecturar que esta não inibição da reprodução proposta pelos socialistas seria possivelmente fruto da intenção de se preservar ou aumentar o número de votos operários nas pugnas eleitorais: quanto em maior número os operários, maiores as chances de se conquistar o poder

Provavelmente teria sido a orientação socialista do redator-chefe d’A DEMOCRACIA que lhe possibilitou detectar que a transcrição feita por Geyer do citado trecho de Nordau não estava, como de fato se constatou, de acordo com o “*todo*” daquela

7 - A este respeito vide BATALHA, Cláudio. “A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX”. In: MORAES, João Quartim de (Org.) *História do marxismo no Brasil*, SP: Unicamp, 1995, p. 11-44.

obra, já que nela esse pensador não havia rompido com o discurso hegemônico à época que indissociava o sexo da reprodução, tal qual o trecho transcrito levava a supor⁸.

Não se quer aqui travar uma discussão infrutífera para o historiador sobre o fato de Geyer ter faltado ou não com a verdade, ou ter lido mal o livro de Nordau, mas sim procurar aqui ressaltar a natureza distinta dos leitores em questão, como ensina Chartier em várias de suas obras onde aponta a existência, no contexto da prática da leitura, sempre de um “texto” dentre de um “contexto”. Em outros termos, um “texto” – escrito ou não - é sempre lido a partir do “contexto” - que abarca os valores, os códigos culturais, etc. - em que se encontra o sujeito leitor.⁹ Ou seja, quero aqui apontar que se esta condição socialista de X. da Costa não estivesse bem sedimentada, talvez ele não tivesse percebido a leitura “equivocada” de Geyer que favorecia os anarquistas, esvaziando, por outro lado, a proposição socialista de conquistar o poder pelo voto, como também não teria podido denunciar que Geyer, no afã de justificar “cientificamente” sua proposta, teria lido Nordau de uma forma “frouxa” ou quiçá não em sua totalidade.

Em resumo, tanto para os anarquistas de Porto Alegre, como para os socialistas d’o AVANTI de São Paulo, e, talvez, também para os d’A DEMOCRACIA, o corpo do operário deveria ser empregado como arma de luta nos termos aqui expostos.

A greve, o boicote e o deslocamento da mão de obra operária:

Uma definição básica e consensual de greve pode ser a seguinte:

Cessação temporária do trabalho decidida de forma concertada por um grupo de trabalhadores com o objetivo de terem atendidas suas reivindicações específicas ao nível da empresa, ou gerais, envolvendo interesses mais amplos da população. Nessa definição estão contidos os elementos básicos que caracterizam o fenômeno grevista: a ação coletiva instrumental de caráter conflitual, duração e objetivos previamente definidos, porém, com desdobramentos imprevisíveis.

(CATTANI, 1997:120).

A greve foi desde o início do movimento operário no Brasil um dos instrumentos centrais utilizados pela classe para lutar contra o patronato. De greves inicialmente esparsas e de defesas ainda acanhadas desta prática, a historiografia local e nacional claramente demonstram que a mesma foi paulatinamente se fazendo presente no meio operário da época como uma forma de luta invariavelmente adotada contra o “patrão”.

Tenho por objetivo aqui apontar que a greve não foi só um meio de luta

8 - No capítulo de onde é retirada a citada transcrição deixa emergir a não dissociação entre o sexo e a procriação. Conferir NORDAU, Max. *As mentiras convencionais da nossa Civilização*. São Paulo: Cultura Moderna, s/data, p. 7-30; 209-248.

9 - Ver, por exemplo, considerações em CHARTIER, Roger. “As práticas da escrita”. In: ARIÉS & CHARTIER (Org.). *História da Vida Privada*. Vol. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1993, p.113-161.

empregado para combater o capitalista, como aponta a historiografia, mas que também foi, e ao mesmo tempo, uma forma de uso do corpo do operário como arma contra o industrialista.

Na ordem capitalista, o corpo do operário é um *meio de produção*, e isto por que o mesmo é um instrumento através do qual o capital produz as riquezas que estão sendo geradas no espaço industrial. Ou seja, o corpo do operário (suas mãos, cérebro, braços, etc.), tal qual às ferramentas e/ou as máquinas, é um dos instrumentos utilizados pelo patronato para produzir as mercadorias no espaço fabril.

De que forma a greve é, então, como afirmo, uma forma de uso do corpo do operário como arma? O que proponho aqui, é inverter um pouco a lógica pela qual se costuma analisar e entender a greve: tanto quanto uma recusa intencional e coletiva da oferta do trabalho de assalariados ao “patrão”, como é geralmente vista, a greve implica a indisponibilidade do corpo destes sujeitos ao trabalho.

A base de tal afirmação provém do entendimento de que não existe um trabalho, seja este físico ou mental, que prescindia da “carne”. Mesmo em tarefas manuais simplíssimas, como naquelas mais intelectualizadas, sem a “carne” (os músculos, os neurônios, etc.) o trabalho não existe, não pode se desenvolver. Levando esta discussão ao seu limite, pode-se afirmar que o corpo vem a determinar o próprio conteúdo do trabalho, como, por exemplo, em relação a sua intensidade / ritmo e em relação ao próprio caráter da atividade que está sendo desenvolvida; mais manual, mais mental/cognitiva, intelectualmente ou manualmente mais especializada, etc.

Em outras palavras, a greve é a ostentação coletiva da posse estrategicamente indócil, pelos operários, de seus corpos, um claro e estratégico uso da condição a que o corpo operário foi reduzido pelo capital: um meio de produção, um instrumento através do qual se produz riquezas. É exatamente tendo em vista estas questões que estou aqui a salientar que o corpo do operário, na situação de greve, está sendo utilizado como uma arma de luta contra o capitalista.

Uma outra questão que se pode colocar aqui agora é se o operariado tinha alguma consciência do lugar/da importância que seu corpo ocupava nas relações capitalistas que se instituíam?

A resposta a esta questão é “sim”, ao menos para a parcela militante desta classe, embora não com a clareza que hoje se pode perceber, até porque o voltar-se sobre o próprio corpo era algo ainda muito recente não tendo se constituído plenamente como um fato que fazia parte do cotidiano destes sujeitos. Mesmo que não se possa datar pontualmente em que período surge esta mencionada preocupação, fato é que ela vai se impondo a partir do avanço

da modernidade e da conseqüente difusão da noção de um corpo individual, que possibilita a singularização do sujeito da coletividade social¹⁰.

Tratando da questão referente à consciência operária do lugar e da importância do seu corpo nas relações capitalistas que se instituíam, menciono que várias foram as poesias, contos e artigos publicados na imprensa operária onde se observa a experiência desta mencionada compreensão. Deixando mais claro o que aqui afirmo destaco o texto do anarquista Sérgio Silveira publicado no jornal REBELIÃO em 1907.

Neste artigo Silveira afirmava que “*a greve nasceu com o primeiro homem que se viu forçado, por circunstâncias especiais, a se alugar a outrem*”¹¹ Avançando em seu texto ele dizia que a greve é o “*resultado da cultura operária*”, no sentido de ser uma manifestação do expoente máximo da consciência desta classe. Finalizando seu artigo via-se este ativista ainda afirmar que “*basta [o operário] cruzar os braços*” para “*conturbar*”, “*desordenar*” a sociedade vigente, e que, então, quando o operariado tiver se dado conta disto, “*aquele simples movimento*” seu faria “*desmorrer todo o edifício social cujas bases assentam sobre os ombros hercúleos do trabalhador*”; ou seja, poderia ser feita a greve geral que derrubaria de vez a sociedade capitalista existente.

Tratando agora do papel do corpo como arma na prática do deslocamento coletivo da mão de obra operária, observo que este emprego é bem evidente, pois na essência desta prática está uma clara menção à retirada do corpo do operário de um espaço de produção para alocá-lo em outro, fato que deixaria o patrão, ainda que por certo período, sem condições de produção e lucro.

Um momento de tal emprego do corpo foi quando da greve geral de 1906, ocorrida na capital. Na ocasião os artesãos marmoristas iniciadores da “*parede*” ameaçaram abandonar definitivamente seus postos de trabalho, como se vê abaixo:

Apelo para a vossa razão e para vosso coração, Sr. Friederichs, e fico ao vosso dispor para resolver o caso, das 4 da tarde às 8 horas da noite, até quarta feira próxima, prazo de espera que consegui dos ex-vossos empregados, os quais desejo que fiquem em Porto Alegre, apesar de em sua maioria, inclusive o André [Arjonas] e os aprendizes, estarem prontos para partir para o Rio de Janeiro, onde já tem ocupação bem remunerada e durante 8 horas por dia, nos trabalhos das avenidas. (SCHMIDT, 2002:220)

É relevante mencionar que tal forma de uso do corpo como arma foi empregada, no caso, por operários qualificados. Não se tratavam de corpos poucos especializados que se retiravam de determinado âmbito produtivo, mas sim de corpos que já haviam incorporado

10 - Conferir a respeito, por exemplo, RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999, p.83-85.

11 - Esta e as demais citações que seguem foram retiradas do artigo da REBELIÃO, Porto Alegre, 14/03/1917, p.1.

técnicas que dominavam boa parte do processo de produção, e que tinham sido fruto, portanto, de um longo período de treinamento, fato este que adicionava um “plus” significativo no que concerne ao poder que o corpo do operário tem de lesar o capital no caso de uma auto-demissão coletiva.

Tratando agora já daquela outra forma de emprego do corpo como arma, o boicote, é pertinente aqui esclarecer no que consistia esta prática. Não se tratava do boicote “tradicional” utilizado à época: a não aquisição pelo operariado de produtos fabris de alguma determinada da fábrica. Tratava-se, e por isto constituindo-se o corpo em uma arma, de uma prática de recusa coletiva da oferta do braço do operário tendo como intenção a mudança de alguma situação que era entendida como ferindo os interesses da classe. Noto que aqui novamente era a qualidade deste corpo como “meio de produção” que se fazia uso para transformá-lo em uma arma de luta.

As situações que eu identifiquei esta prática ser implementada no estado foram poucas¹². Contudo, tal meio de enfrentamento certamente foi bem mais utilizado no estado, considerando que os anarquistas, no 1º Congresso Operário Sul-Riograndense, realizado em Porto Alegre (1898), já propunham este meio de luta, sendo que, além disto, a COB, principal órgão do movimento operário à época, também a havia adotado quando de seu primeiro congresso (1906).

Bibliografia:

- BATALHA, C. A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX. In: MORAES, J. Quartim de (Org.) **História do marxismo no Brasil**, SP: Unicamp, 1995.
- CATTANI, A. (Org.) **Trabalho e tecnologia: dicionário crítico**. RJ: Vozes; PA: Ed. da UFRGS, 1997.
- CHARTIER, R. As práticas da escrita. In: ARIÉS & CHARTIER (Org.). **História da Vida Privada**. V.3. SP: Cia das Letras, 1993.
- CORBIN, A. Bastidores. In: **História da Vida Privada** V.4. SP: Cia das Letras, 1994.
- RODRIGUES, J. Carlos. **O corpo na história**. RJ: Editora FIOCRUZ, 1999.
- SCHMIDT, B. **O patriarca e o tribuno: caminhos, encruzilhadas, viagens e pontes de dois líderes socialistas – Francisco Xavier da Costa (187? –1934) e Carlos Cavaco (1878-1961)** SP: PPG História UNICAMP, 2002.
- VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. RJ: Rocco, 1994.

12 - Pelos trabalhadores em pedra de Porto Alegre, a fim de forçar os patrões a reconhecerem a entidade sindical desta categoria; pela FORGS, a pedido da União Operária de Rio Grande, quando de uma greve nesta cidade em 1911, e também quando do boicote praticado pelos anarquistas d'A LUTA – a pedido da COB – contra a empresa construtora da Estrada de Ferro Noroeste..